

# Movimento ciberativista em tempos pandêmicos: Reflexões sobre a atuação do coletivo Sleeping Giants no Brasil

**Aline Cristina Gomes da Costa**

Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP, Brasil

**Bianca Siqueira Martins Domingos**

Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP, Brasil

**Cilene Gomes**

Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP, Brasil

**Pedro Ribeiro Moreira Neto**

Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP, Brasil

## Introdução

O ano de 2020 ficará marcado na história pela pandemia de Covid-19, que vem tendo efeitos epidemiológicos, políticos, econômicos e psicossociais reverberados em escala global. Simultaneamente, o Brasil vive uma crise política em um momento de polarização social que contribui para o processo de produção e disseminação de *fake news*.

Na dupla face dessa crise, sanitária e política, circulam em ambientes digitais soluções aparentemente fáceis e remédios milagrosos que acendem falsas esperanças na população. As práticas de coletivos ciberativistas que combatem as notícias falsas evidenciam muitas situações de desinformação, alertando sobre notícias críveis ou não. Desde divulgações de estatísticas do número de mortos e infectados até o andamento do desenvolvimento de vacinas, as notícias desempenham um papel articulador entre instituições, governo e sociedade. O objetivo deste artigo é refletir sobre a atuação do movimento ciberativista Sleeping Giants, no Brasil, em tempos pandêmicos.

À luz de notícias atuais e de trabalhos de autores que versam sobre ciberativismo, discurso de ódio e *fake news*, realizamos uma análise multifacetada dos impactos das notícias falsas em plena crise pandêmica e política, bem como da importância da atuação do coletivo Sleeping Giants, remontando a sua trajetória entre EUA e Brasil. Para tanto, foi feita uma etnografia virtual nos perfis brasileiros do coletivo no Instagram e no Twitter.

Com essa proposta, os aportes interpretativos e conceituais de Walter Benjamin, Olgária Matos, Giorgio Agamben e Serge Moscovici confluíram à complexa discussão sobre a experiência democrática contemporânea, em boa medida intermediada pela esfera pública digital e mobilizada pelo tensionamento entre informação e desinformação. Destacamos as práticas do Sleeping Giants, em contraposição à estrutura da desinformação mobilizada pelas notícias falsas, como base reflexiva para a interpretação de novas fragmentações sociais que se desdobraram durante a pandemia.

## Comunicação e dessubjetivação dos sujeitos

Walter Benjamin (2009), ao falar sobre a modernidade no século XIX, afirma que ela ditava uma nova maneira de ser e estar no mundo, pautada por novas práticas de consumo impostas pelo sistema capitalista. Entre as novas práticas, o autor destaca que as formas de comunicação se tornaram mais acessíveis, com a publicação de periódicos em jornais abertos, e ganharam nova forma de divulgação de conteúdo, a partir das novelas nos “romances-folhetins” e “reclames”, como propaganda de cunho mercantil. Benjamin considera essa divulgação de informações breves muito perigosa, devido à necessidade de verificação imediata, à rápida dissolução de seu valor e à concorrência com relatos comedidos, ou seja, prudentes e moderados (COSTA, 2020).

Em seu ensaio sobre experiência e pobreza, Benjamin (2012) contrapõe à organicidade da verdadeira narração, ligada à experiência dos homens, a substituição pelas informações oriundas dos novos meios técnicos. Nessa evolução das comunicações, para além dos meios de publicação então existentes, ele destaca o papel da tecnologia e do rádio como um meio de comunicação social a distância que estabelece outro patamar de popularização, muito mais ampla e intensa, e que atende a um número ilimitado de pessoas, estabelecendo “um caso de popularidade que não apenas mobiliza o conhecimento na direção do público, mas mobiliza o público na direção do conhecimento” (BENJAMIN, 2014, p. 370). Em sua análise da radiodifusão, o autor chamou a atenção para a forma de apropriação do rádio pelo Estado como um instrumento de poder e propagação ideológica de longo alcance (Ibid., p. 372), tal como ocorreu no caso do nazismo, no início dos anos de 1930.

Essa forma de comunicação, que tanto preocupava Benjamin, se encontra hoje mais acelerada devido às novas tecnologias advindas com a quase universalização de acesso à internet e a digitalização dos meios comunicacionais. Manuel Castells (1999, p. 461) ressalta a “diversificação, a multimodalidade e a versatilidade” dos novos sistemas comunicacionais, capazes de “abarcando e integrar todas as formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais”. Somos uma sociedade em rede. Com poucos cliques, acessamos notícias e sites e nos comunicamos instantaneamente. Nos expressamos, formamos identidades e compartilhamos a nossa vida real na esfera virtual por meio das redes sociais.

Essas novas formas de comunicação contribuem para uma indistinção entre público e privado, pois, a partir do momento em que uma pessoa, no âmbito de sua vida privada, escolhe expor suas rotinas diárias em redes sociais, sua vida torna-se pública. Olgária Matos (2019) diz que os meios de comunicação expõem o político de forma imediata em pessoa, cujas informações transmitidas podem se alterar de acordo com a representação de si escolhida para compartilhar nas redes. Um exemplo é um político que muda seu discurso dependendo da quantidade de *likes* e dos tipos de comentários que recebe em determinada publicação. A autora afirma que esse processo de seleção de informações publicáveis corrobora a manipulação da linguagem e de seus símbolos para conformar vontades e desejos individuais. Por mais que um emissor proponha neutralidade sobre qualquer juízo moral em sua mensagem, Paul Ricoeur (2010) mostra que já se pressupõe nessa ação, uma condição originalmente ética (COSTA, 2020).

Sobre essa questão, Maria Stella Bresciani (1996) afirma que há estudos que “buscam compreender os afetos (sensibilidades, sentimentos e paixões) como estruturalmente constitutivos da esfera política” (p. 23), presentes em regimes que variam desde o absolutismo de Luís XIV até às democracias pluralistas contemporâneas. A autora cita Pierre Ansart, que ressalta a dificuldade da vida política de se desenvolver por análises objetivas, uma vez que pessoas ligadas à vida política participam de gestões que integram estratégias de poder historicamente constituídas, intervindo na formação de subjetividades atravessadas por múltiplos desejos e por um trabalho permanente sobre esses desejos.

Essa dinâmica da vida política induz a pensar na abordagem de Moscovici (2011, p. 188), apoiado em Max Weber, sobre as relações entre carisma e razão e, particularmente, o papel do carisma de pessoas e grupos em processos de influência social. Aqui, “o carisma é como uma espécie de alta energia, de *matéria-prima* que se libera nos momentos de crise e de tensão, quebrando os hábitos, chacoalhando as inércias”, ou ainda, ocasionando novas direções da opinião e dos fatos (Ibid., p. 199). Em momentos de emergência de inovações, Moscovici considera necessário colocar em pé de igualdade os fatores psíquicos e sociais e, para isso, refere-se a Durkheim, quando este escreve que “o estudo dos *fenômenos sociológico-psíquicos*” não é um anexo da sociologia, mas sua própria substância (Ibid., p. 191), pois a influência de acontecimentos marcantes no desenvolvimento das sociedades só ocorreria sob a “condição de agir sobre as consciências individuais” (DURKHEIM, 1975, p. 352 *apud* MOSCOVICI, 2011, p. 192).

Na atual fase do capitalismo, Agamben (2009) afirma que os dispositivos agem por meio de processos de dessubjetivação, sendo qualquer coisa que tenha de alguma forma a capacidade de “capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (p. 12). As sociedades contemporâneas são, para o autor, “como corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real” (Ibid., p. 48).

Agamben define-se como dispositivos de dessubjetivação aqueles “hodiernos (internet, telefones celulares, televisão, câmeras de monitoramento urbano etc.)” que impossibilitam constatar “a produção de um sujeito real, mas uma recíproca indiferenciação entre subjetivação e dessubjetivação, da qual não surge senão um sujeito espectral” (Ibid., p. 13). De acordo com o autor, esse paradoxo expõe

o irremediável eclipse pelo qual atualmente passa a política: quanto menos subjetividades são formadas no corpo a corpo dos indivíduos com os dispositivos tanto mais dispositivos são criados como tentativa inelutável de sujeição dos indivíduos às diretrizes do poder (Ibid., p. 14).

Agamben afirma ainda que os processos de subjetivação e dessubjetivação tornam-se “reciprocamente indiferentes e não dão lugar à recomposição de um novo sujeito, a não ser de forma larvar” (Ibid., p. 47), pois independem da intensidade do desejo que atinge a pessoa que se deixa capturar pelos dispositivos hodiernos — em vez de adquirir uma nova subjetividade, ela representa apenas um número controlável. Os discursos midiáticos correspondem, então, para o autor, processos de subjetivação e dessubjetivação, em que “aqueles que têm discursos similares são, de resto, o resultado do dispositivo midiático no qual estão capturados” (Ibid., p. 48).

Nesse sentido, é notável a quantidade de anúncios e propagandas que investem em um sensacionalismo pautado por notícias falsas para captar a atenção das pessoas e envolvê-las em uma máquina de *likes* e visualizações, que, por sua vez, alimenta o lucro de empresas. É importante entender como se dão os discursos resultantes dos dispositivos midiáticos, oficiais ou não oficiais, e como a sociedade lida com o combate à desinformação, sobretudo com a promoção de coletivos empenhados na verificação de conteúdo e na ação conjunta contra fontes que propagam discursos odiosos e notícias falsas.

### **Ciberativismo versus fake news**

No contexto da pandemia de Covid-19, politicamente complexa no Brasil, emerge uma intensa propagação de notícias falsas por meios digitais. Para evitar isso, é possível contar com a ajuda de perfis que realizam a verificação do conteúdo e notificam as pessoas sobre a existência de discurso de ódio e informações falsas nas notícias veiculadas. Atualmente, perfis como os da Agência Lupa (@lupa) e do projeto de educação midiática Redes Cordiais (@redescordiais) fazem esse trabalho, que pode ser acompanhado em suas redes sociais. A mobilização para checar a veracidade dos conteúdos ocorre por meio da articulação coletiva deflagrada em espaços digitais, denominada *ciberativismo*<sup>1</sup>. Queiroz (2017, p. 3) define esse movimento social digital como uma “mobilização e enfrentamento político, social e/ou cultural” por meio do “uso de tecnologias digitais ou de informação e comunicação”.

Engendrada na multimodalidade dos meios comunicacionais a que Castells (1999) se refere, a “ação desses ativistas ocorre em um mundo híbrido, que congrega estratégias organizadas e deflagradas tanto no mundo real como no espaço virtual” (Ibid., p. 4). Dessa forma, muitas lutas e reivindicações que ocorrem no cenário político e pandêmico atual se dão também em redes sociais, plataformas digitais e sites, em uma dinâmica muitas vezes complementar.

Os coletivos ciberativistas de checagem da veracidade de notícias contam com perfis que vão além dessa pauta ao combater a raiz do problema, incentivando a desmonetização de pessoas físicas e jurídicas que espalham *fake news*. O coletivo Sleeping Giants, iniciado no Twitter em 2016, nos EUA, ganhou visibilidade por sua atuação internacional e, recentemente, conquistou espaço no cenário brasileiro, devido à intensificação de notícias falsas veiculadas com intuito de confundir leitores — como aquelas que questionam a existência mesma da pandemia. O perfil do coletivo concentra seu trabalho na luta pela desmonetização de perfis institucionais e pessoais com apoio da população no uso de algoritmos de visualização da internet, por meio de *hashtags* e marcações, para pressionar agências públicas e privadas a bloquearem a veiculação de propaganda pelo AdSense — ferramenta do Google encarregada de direcionar anúncios para sites e blogs com maiores visualizações e engajamento —, em perfis que disseminam discursos de ódio e notícias falsas.

O coletivo teve início após a vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais, a partir da criação de uma conta no Twitter com o objetivo de informar e notificar empresas cujos anúncios<sup>2</sup> apareciam em sites da extrema direita que propagavam discursos de ódio e notícias falsas. Segundo Queimaliños (17/05/2020), o *Breitbart News*, por exemplo, perdeu cerca de 4.500 anunciantes em seu site, e o apresentador conservador Bill O'Reilly, da Fox, perdeu o financiamento de quase todos os seus anunciantes.

O Sleeping Giants, em termos mundiais, impediu, nos EUA, a monetização de uma quantia aproximada de US\$50 milhões que seriam obtidos por meio de publicidades em páginas eletrônicas que propagam *fake news*. A partir disso, expandiu o seu modelo mundo afora (SLEEPING GIANTS BRASIL, 2020). Outra conquista significativa do movimento se deu na França, com a aprovação da Emenda Sleeping Giants, regulamentação governamental com o objetivo de barrar o financiamento de pessoas e instituições extremistas que propagam ódio e *fake news* no ambiente on-line (ADUSP, 03/06/2020).

Em 29 de agosto de 2020 o perfil americano do coletivo tinha quatro anos de atuação e contava com 304,3 mil seguidores no Twitter. Naquele dia, fazia três meses que o Sleeping Giants ganhara a versão brasileira, na mesma rede social, que já contava com 397,1 mil seguidores, representando um rápido crescimento e grande aderência popular na plataforma pela população brasileira. O Sleeping Giants BR iniciou suas atividades no Brasil em plena pandemia de Covid-19 e “infodemia”, termo cunhado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para caracterizar ações de “difusão massiva de desinformação, mentiras e rumores sobre a pandemia, comprometendo o acesso a dados com respaldo de cientistas e autoridades sanitárias” (PIERRO, 07/04/2020).

No Brasil, a articulação das *fake news* com a pandemia acontece em cinco frentes:

1) Nos movimentos antivacina e anticiência. Cardoso (16/08/2020) mostra que a campanha de desinformação sobre a vacina contra a Covid-19 avançou com os testes no país, relatando que “grupos anti-vacina usam redes sociais para dar eco a conteúdo falso e gerar desconfiança sobre a futura campanha de vacinação”. Um grupo de instituições ligadas à USP Ribeirão Preto, denominado como União Pró-Vacina, “identificou um aumento de 383% em postagens com conteúdo falso ou distorcido envolvendo a vacina”.

2) Na intensa procura por medicamentos “milagrosos”, que leva ao desabastecimento para pessoas que precisam dos medicamentos indicados. Tanto o ex-presidente dos EUA Donald Trump quanto o presidente Jair Bolsonaro propagaram discursos negacionistas sobre a pandemia, indo na contramão da ciência e ocasionando um desencontro de informações, confundindo a população sobre em que acreditar. Embutida nesse discurso, está a cura por meio dos medicamentos cloroquina<sup>3</sup>, hidroxicloroquina e ivermectina. Quando veiculada por um chefe de Estado, essas informações levam as pessoas a uma busca desenfreada por esses medicamentos, desabastecendo as farmácias. Em uma reportagem *Folha de S. Paulo* de março de 2020, por exemplo, lemos o relato de uma portadora de artrite reumatoide e Síndrome de Sjögren que precisou comprar hidroxicloroquina a “cerca de 30 quilômetros de sua casa” (WATANABE e PAMPLONA, 19/03/2020).

3) Na disseminação de notícias falsas que causam pânico e caos entre as pessoas. Em tom sensacionalista e alarmista, muitas postagens podem levar medo e insegurança à população já fragilizada pela pandemia. As *fake news* podem colocar em risco a vida das pessoas, além de dificultar o trabalho dos profissionais de saúde.

4) No combate a agências de verificação de notícias como o Sleeping Giants, a Agência Lupa e as Redes Cordiais, contribuindo para a descredibilização das mídias tradicionais. É uma forma de confundir a população acerca do papel das ações de combate às *fake news*, engendrando uma forma de ciberativismo às avessas, como no exemplo do perfil @anti\_sleppinggiants no Instagram. A descredibilização das mídias tradicionais é também uma forma de infodemia. Os ataques à imprensa e à liberdade de expressão durante a pandemia colocam em risco a atuação de jornalistas ao redor do mundo, especialmente, no Brasil e nos EUA. Michelle Bachelet, alta comissária da ONU para os direitos humanos, por exemplo, afirmou que “não é hora de culpar o mensageiro” e que “alguns Estados usam a pandemia como pretexto para restringir o acesso à informação e calar as críticas” (O GLOBO, 24/04/2020).

5) Na ocultação e dissimulação de dados e estatísticas ligados à pandemia, colocando os dados do coronavírus em perspectiva em relação a outras doenças e minimizando sua gravidade. Em junho de 2020, o governo Bolsonaro ganhou destaque mundial ao decidir não divulgar os dados sobre a Covid-19. A matéria na *BBC Brasil* (08/06/2020) mostra que as estatísticas são “terrivelmente deficientes e, em alguns casos, manipuladas”.

Destaca-se a atuação ativa dos grupos diretamente ligados ao presidente da República nas frentes 2, 3 e 5. Quanto às frentes 2 e 3, o governo brasileiro divulga que a cloroquina é um medicamento eficaz no tratamento à Covid-19, mesmo sem qualquer embasamento científico que comprove essa alegação, sendo que pesquisas sobre esse fármaco já foram suspensas pelo mundo, devido à sua ineficácia no tratamento da doença e ao perigo representado pelos seus efeitos colaterais à saúde pública.

Figura 1: Jair Bolsonaro divulga cloroquina: (a) em *live* no Palácio da Alvorada em maio de 2020; e (b) para seguidores em julho de 2020



Fonte: (a) PRAZERES e FERREIRA (2020) e (b) MOTA (2020).

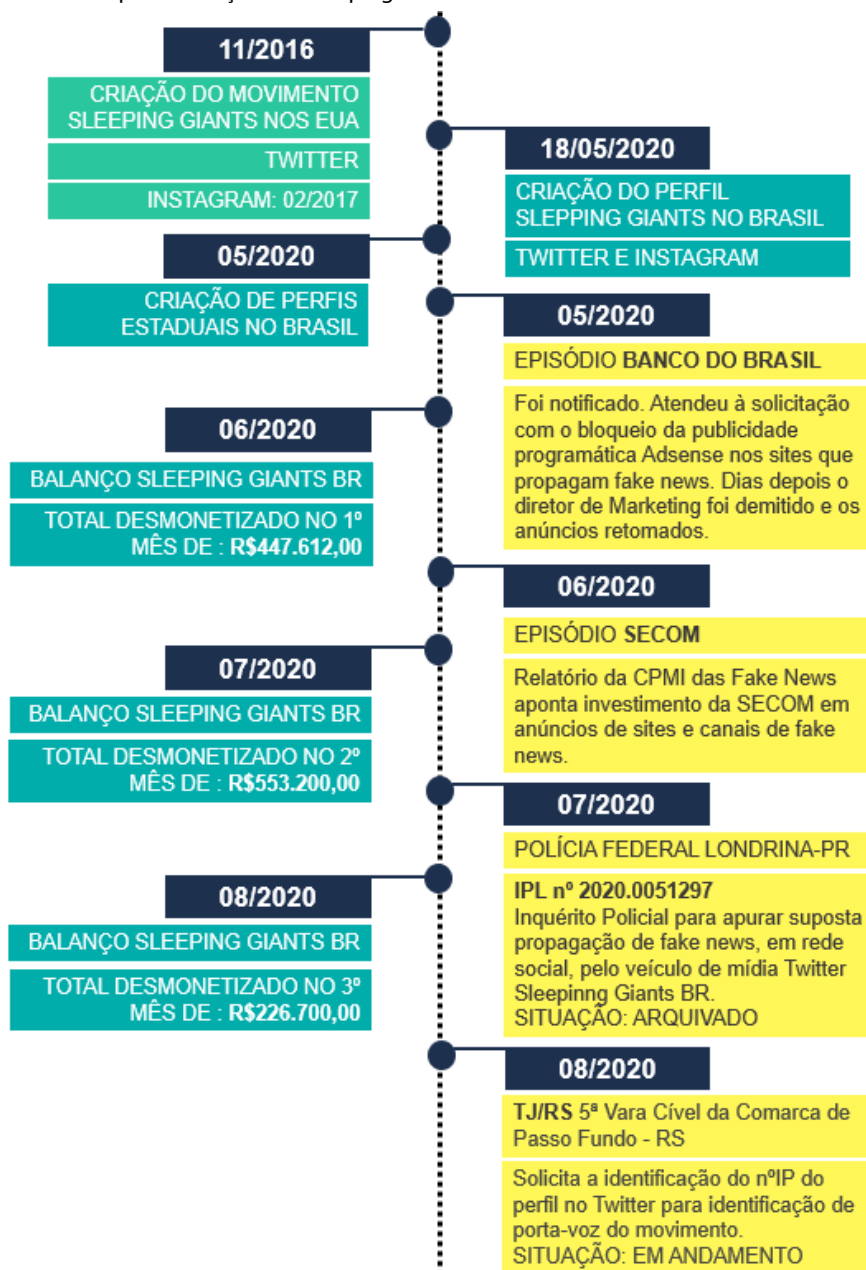
Na frente 5, o governo Bolsonaro<sup>4</sup> atua na descredibilização das mídias tradicionais a partir das seguintes ações: ocultação das estatísticas sobre Covid-19 no país, divulgação tardia dessas estatísticas e discurso contra as mídias tradicionais, cunhado pelo próprio presidente e sua equipe. Diante dessas ações do governo, as mídias tradicionais precisaram se organizar para a criação de um consórcio de veículos da imprensa que reúne *Estadão*, *G1*, *O Globo*, *Extra*, *Folha de S. Paulo* e *UOL*.

### **Atuação dos Sleeping Giants no Brasil**

O método utilizado para a realização do levantamento de informações nos perfis brasileiros do Sleeping Giants no Instagram e no Twitter foi a etnografia virtual, ou netnografia (KOZINETTS, 2014), que possibilitou acompanhar cronologicamente os principais acontecimentos envolvendo o coletivo no país. A netnografia é uma forma especializada de etnografia realizada em espaços virtuais/digitais visando à obtenção de dados e informações que conduzam à compreensão de um fenômeno social ou cultural na internet (SILVA, 2015).

O recorte temporal da etnografia virtual abrangeu o período desde o início da atuação do coletivo no Brasil, em maio de 2020, até a escrita deste artigo, em agosto do mesmo ano. Durante o período da pesquisa, foi possível acompanhar as postagens do Sleeping Giants e algumas ações direcionadas ao combate das *fake news*, bem como alguns fatos subsequentes que repercutiram no cenário nacional por meio da imprensa. A netnografia destacará os casos de maior notoriedade, que envolveram o Banco do Brasil, a Secretaria de Comunicação do Governo (Secom) e os embates recentes com a Justiça. Os principais marcos da atuação do coletivo podem ser conferidos na Figura 2, na próxima página.

Figura 2: Linha do tempo da atuação dos Sleeping Giants no Brasil



Fonte: Elaborado pelos autores.

O primeiro alvo do Sleeping Giants Brasil foi o *Jornal da Cidade Online (JCO)*, portal apontado como principal disseminador de *fake news* durante as eleições de 2018. O *JCO* perdeu monetização e teve excluída de sua campanha de arrecadação on-line cerca de R\$20 mil mensais (SLEEPING GIANTS BRASIL, 2020). O Banco do Brasil foi notificado em maio de 2020 sobre anúncios no *JCO*, atendendo a pedidos e confirmando o bloqueio. Porém, o vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos), filho do presidente da República, criticou a posição do banco, que posteriormente demitiu seu diretor de marketing e voltou a publicar no *JCO* e em demais sites propagadores de *fake news* investigados pelo movimento Sleeping Giants BR, como, por exemplo, o Brasil Sem Medo (SLEEPING GIANTS BRASIL, 2020).

De acordo com o Sleeping Giants Brasil (2020), o Tribunal de Contas da União (TCU) apresentou uma representação pedindo a investigação contra a interferência indevida da família do presidente Jair Bolsonaro e do chefe da Secom, Fábio Wajngarten, na publicidade do Banco do Brasil. Em junho de 2020, a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das *Fake News* elaborou um relatório<sup>5</sup> que apontou que a Secom pagou R\$2 milhões por anúncios em sites, canais do YouTube e aplicativos que divulgam notícias falsas, discurso de ódio, jogos de azar, investimentos ilegais e até conteúdo pornográfico. O Ministério Público Federal (MPF) também abriu investigação para apurar anúncios da Secom, sendo essa a terceira investigação aberta em três meses envolvendo a Secretaria (SLEEPING GIANTS BRASIL, 2020).

Os embates entre o Sleeping Giants e a Justiça iniciaram-se uma semana após o grupo surgir no Twitter, quando o delegado Ricardo Filippi Pecoraro abriu inquérito<sup>6</sup> junto à Polícia Federal em Londrina, no Paraná. O inquérito visava identificar o responsável pelo coletivo no Brasil. A investigação foi conduzida por aproximadamente um mês até seu arquivamento, em julho, a pedido do MPF e por decisão da Justiça (AUDI e MARTINS, 18/08/2020).

O embate mais recente envolve a juíza Ana Paula Caimi, da 5ª Vara Cível de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, que obriga o “Twitter Brasil a enviar à Justiça os dados cadastrais dos perfis Sleeping Giants Brasil e Sleeping Giants Rio Grande do Sul” (NETTO, 26/08/2020). A decisão foi tomada a partir da ação movida pelo JCO. Na decisão, a juíza apontou que “não se vislumbra ‘abuso do direito fundamental à liberdade de expressão pelos perfis’” propagadores de *fake news* (Idem) e determinou ao Twitter a apresentação dos dados dos usuários responsáveis pela criação e manutenção dos perfis. A decisão foi mantida pelo desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, que negou recurso apresentado pelo Twitter alegando que a determinação judicial não viola o Marco Civil da Internet. O Sleeping Giants BR criticou a decisão, alegando ser “ilegal, inconstitucional e contraditória” (Idem).

Com amplo apoio de celebridades, influenciadores digitais, empresas e instituições, o movimento articulado pelo Sleeping Giants envolve também o engajamento público nas pautas do coletivo, como na *hashtag* #EuSouSleepingGiantsBrasil, que contou com 2.174 *tweets* em agosto de 2020, potencializando a participação democrática por meio de interfaces e modalidades digitais.

## Considerações finais

A pandemia de Covid-19 tem acentuado tensões sociais e produzido incertezas. Os efeitos por ela causados ainda estão em curso de avaliações em todos os lugares. Junto à crise sanitária, a crise política e econômica se agrava. A situação de precariedade que já acometia parcelas numerosas da população brasileira chega a um patamar inédito de insustentabilidade moral. Simultaneamente, as medidas de contenção da transmissão do novo coronavírus têm ocasionado inúmeras mobilizações no campo da ciência, na política e na sociedade. Os planos governamentais de recuperação da economia são abalados pelas demandas emergenciais do sistema de saúde e das condições de desigualdade social e econômica de populações histórica e cumulativamente desfavorecidas.

Se somos igualmente suscetíveis à contaminação pelo vírus, somos diferentes e desiguais no impacto e enfrentamento da pandemia em nossas vidas cotidianas. Pelo contexto em que vivemos, somos conduzidos ao acompanhamento da situação do país, ao gesto solidário e à reflexão motivada pelo diálogo interdisciplinar, que nos leva à compreensão da evolução do saber e do conhecimento em meio às adversidades do nosso tempo, em especial com os desdobramentos dos modos de enfrentamento e das repercussões da pandemia para um novo curso histórico que deverá se estabelecer a partir dela.

Este texto buscou articular nexos teóricos sobre os processos de comunicação e dessubjetivação dos sujeitos em uma sociedade que se organiza em tempo real, com uma etnografia virtual do ciberativismo, particularizado pelo coletivo *Sleeping Giants*, em sua ação de combate à desinformação pela disseminação de *fake news*.

Com essa proposta, tornaram-se relevantes aportes interpretativos e conceituais as reflexões de Walter Benjamin, Olgária Matos, Giorgio Agamben e Serge Moscovici, entre outros estudiosos e analistas, que contribuem para a complexa discussão sobre a experiência democrática contemporânea, em boa medida intermediada pela esfera pública digital e mobilizada pelo tensionamento entre informação e desinformação. Destacamos o movimento dos *Sleeping Giants* em suas práticas e em contraposição à estrutura da desinformação (mobilizada pelas notícias falsas) como o solo a partir do qual novas clivagens da conscientização social, da popularidade de lideranças políticas e da vulnerabilidade ideológica tornaram-se “fraturas expostas” associadas à exacerbação das demais condições de desigualdades e vulnerabilidades sociais e econômicas.

A antiga fórmula do “dividir para governar” e conquistar torna-se estratégia do Estado brasileiro, travestida de conservadorismo e totalitarismo, anticientificidade e violência simbólica, cultuando um modelo de convivência cívica que vê o outro como inimigo e de relações entre Estado e sociedade inteiramente cooptadas pelo processo recente de neoliberalização da economia e da política (DARDOT e LAVAL, 2017), para dizer o mínimo.

Para novos achados investigativos, é preciso perguntar: como essa guerra social virtual impacta o processo de democratização política e social? Em que se apoia a dominação? Em que condições os grandes números populacionais e de internautas se submetem a ela? A perspectiva da antropologia social adotada neste texto deve ser explicitada por meio da questão que envolve as relações dialéticas entre sujeitos e sociedade e entre o Estado e seus cidadãos. Em que sentido poderemos constituir diálogos e discussões?

Situar mudanças possíveis a partir da pandemia e dos diversos movimentos de resistência a lógicas sociais e econômicas perversas e, por que não dizer, patológicas, é sem dúvida uma propriedade do trabalho reflexivo e investigativo. É na criação e na organização de novas esferas públicas para o difícil aprendizado de práticas universalistas e democráticas no seio das aspirações por um humanismo concreto — em que a pluralidade de perspectivas convergiria na construção de projetos comuns — que parece estar o nó górdio da encruzilhada em que se encontra a civilização. O desenvolvimento do ciberativismo poderá contribuir muito nesse processo, junto a outras formas de comunicação ascendente; nele, a informação é matéria e energia da construção de sentidos do mundo e, por conseguinte, da reorganização da vida social e do lugar em que se vive.

Assim, talvez se possa equiparar a reviravolta causada pela pandemia à ideia de um big bang social, de que nos fala Moscovici (2011), em que estaríamos reunidos, num primeiro momento, por um novo carisma em coletividades em *statu nascenti*, proporcionando-nos “o sentimento de ser, de tocar as próprias fundações [do] mundo”, as raízes da nossa existência (Ibid., p. 299). A partir disso, é possível pensar que talvez devêssemos promover a discussão sobre o resgate e a reconstrução de subjetividades e novos sujeitos, coletivos e individuais, melhor posicionados social e politicamente, em relação ao sentido da própria história humana e da corresponsabilidade por sua transformação a serviço de todos.

---

## Notas

<sup>1</sup> De acordo com Queiroz (2017, p. 2), o ciberativismo “possui diversas noções, conceitos e variáveis afins tratados como sinônimos, como ativismo midiático, ativismo digital, novo ativismo, novíssimos movimentos sociais, click-ativismo, hacktivismo, *smart mobs*, ativismo eletrônico, desobediência civil eletrônica, ciberguerra, *netwar*, guerrilha de comunicação, dentre outros”.

<sup>2</sup> A premissa do coletivo é que as empresas não têm conhecimento sobre onde seus anúncios são veiculados, devido à utilização de publicidade programática disponibilizada pelo AdSense do Google.

<sup>3</sup> De acordo com a sua bula, a cloroquina é “indicada para profilaxia e tratamento de ataque agudo de malária causado por *Plasmodium vivax*, *P. ovale* e *P. malarie*”. No caso da hidroxicloroquina, ela é indicada, também segundo sua bula, “para tratamento da artrite reumatoide, lúpus eritematoso, afeções dermatológicas e reumáticas e também para o tratamento da malária”. A ivermectina, por sua vez, é indicada “para tratamento de várias condições causadas por vermes ou parasitas”, de acordo com a bula do medicamento.

<sup>4</sup> O governo Bolsonaro foi marcado pela passagem de dois médicos como ministros da Saúde, Luiz Henrique Mandetta — de janeiro de 2019 a abril de 2020 — e Nelson Teich — de abril de 2020 a maio de 2020 —, ambos opositores às políticas do governo, contrárias às medidas internacionais adotadas, como o isolamento e a não utilização de cloroquina e hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19. No momento em que escrevemos este texto, em agosto de 2020, a pasta é ocupada provisoriamente pelo militar paraquedista Eduardo Pazuello, sem qualquer vínculo com a área da saúde.

<sup>5</sup> Íntegra do relatório da CPMI das *fake news* disponível (on-line) em: <https://www.moneytimes.com.br/governo-nao-escolhe-sites-em-publicidade-oficial-diz-secom/> (acesso em 29/08/2020).

<sup>6</sup> Íntegra do inquérito disponível (on-line) em: <https://www.documentcloud.org/documents/7039724.html> (acesso em 29/08/2020).

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009[2006].
- BENJAMIN, Walter. **Radio Benjamin**. Londres: Verso, 2014.
- \_\_\_\_\_. “Experiência e pobreza”. *In: O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- \_\_\_\_\_. “Paris do Segundo Império”. *In: Obras Escolhidas, volume III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991, pp. 10-99.
- \_\_\_\_\_. “O exposé de 1935”. *In: Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, pp. 39-51.
- \_\_\_\_\_. “O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. *In: Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. “Razão e paixão na política”. *In: MONTEIRO, John Manuel e BLAJ, Ilana. História & utopias*. Textos apresentados no VII Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – A era da informática: Economia, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- COSTA, Aline Cristina Gomes da. “Paisagem efêmera: Artivismo na pandemia”. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, Boletim semanal – Walter Benjamim e a narrativa do tempo presente, agosto de 2020. Disponível (on-line) em: <http://cidade-pandemia.com.br/2020/08/26/paisagem-efemera-artivismo-na-pandemia-aline-costa/>
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- KOZINETS, Robert V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- MATOS, Olgária. “Processos sem sujeito”. **CPF Sesc**, 2019. Disponível (on-line) em: <https://www.youtube.com/watch?v=3V0Qo6mwum4&t=3281s>
- MOSCOVICI, Serge. **A invenção da sociedade: Sociologia e psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- QUEIROZ, Eliani de Fátima Covem. “Ciberativismo: A nova ferramenta dos movimentos sociais”. **Revista Panorama**, vol. 7, nº 1, pp. 2-5, 2017.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 1: A intriga da narrativa histórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SILVA, Suelen de Aguiar. “Desvelando a netnografia: Um guia teórico prático”. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, vol. 38, nº 2, p. 339-342, 2015.

## Fontes da imprensa

- ADUSP. “Programa de cursos pagos da Esalq publicava anúncios em site de extrema-direita denunciado pelo Sleeping Giants Brasil: MBAs anunciados no “Jornal da Cidade Online” podem custar mais de 10 mil reais por aluno. Após a denúncia, a publicidade foi retirada”. **Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (Adusp)**, 3 de junho de 2020. Disponível (on-line) em: <https://www.adusp.org.br/index.php/conj-pol/3690-esalq-fakenews>
- AUDI, Amanda; MARTINS, Rafael Moro. “Com argumentação psicodélica, polícia federal investigou Sleeping Giants Brasil: Delegado do Paraná tentou expor nomes por trás do perfil que está quebrando a extrema direita na internet”. **The Intercept Brasil**, 18 de agosto de 2020.

Disponível (on-line) em: <https://theintercept.com/2020/08/18/policia-federal-investigou-sleeping-giants-brasil/>

BBC Brasil. “Brasil é destaque no mundo por não divulgar dados de mortes por covid-19: A decisão do Ministério da Saúde de mudar a forma de divulgar os dados sobre a covid-19 no Brasil gerou repercussão internacional, com os principais jornais do mundo destacando negativamente as mudanças”. **BBC**, Brasil, 8 de junho 2020. Disponível (on-line) em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52967730>

CARDOSO, Thaís. “Campanha de desinformação sobre vacina contra covid avança com testes no Brasil: Grupos antivacina usam redes sociais para dar eco a conteúdo falso e gerar desconfiança sobre futura campanha de vacinação, mostra estudo de instituições ligadas à USP Ribeirão Preto”. **Jornal da USP**, Ciências, 26 de agosto de 2020. Disponível (on-line) em: <https://jornal.usp.br/ciencias/campanha-de-desinformacao-sobre-vacina-contracovid-avanca-com-testes-no-brasil/>

MOTA, Erick. “Cloroquina não tem efeito contra covid-19, aponta maior estudo brasileiro”. **UOL**, Fotografia publicada em 23 de julho de 2020. Disponível (on-line) em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/saude/cloroquina-nao-tem-efeito-contracovid-19-aponta-maior-estudo-brasileiro/>

NETTO, Paulo Roberto. “Justiça manda Twitter apresentar dados de perfis da plataforma Sleeping Giants”. **UOL**, Tilt, Redes Sociais, 26 de agosto de 2020. Disponível (on-line) em: <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/estado/2020/08/26/justica-manda-twitter-apresentar-dados-de-perfis-da-plataforma-sleeping-giants.htm>

O GLOBO. “‘Não é hora de culpar o mensageiro’: Michelle Bachelet critica ataques à imprensa em meio à pandemia: Alta comissária da ONU para os direitos humanos diz que alguns governos usam a pandemia para controlar a liberdade de expressão e abafar críticas”. **O Globo**, Mundo, 24 de abril de 2020. Disponível (on-line) em: <https://oglobo.globo.com/mundo/nao-hora-de-culpar-mensageiro-michelle-bachelet-critica-ataques-imprensa-em-meio-pandemia-24391951>

PIERRO, Bruno de. “Epidemia de *fake news*: Organização Mundial da Saúde chama a atenção para grande circulação de notícias falsas sobre o novo coronavírus”. **Pesquisa Fapesp**, Comunicação, 7 de abril de 2020. Disponível (on-line) em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/epidemia-de-fake-news/>

PRAZERES, Leandro; FERREIRA, Paula. ‘Kit Covid’: Reações adversas à cloroquina dispararam 558% e Anvisa já registra nove mortes. **Extra Globo**. Notícias Coronavírus, Fotografia publicada em 05 de abril de 2020. Disponível (on-line) em: <https://extra.globo.com/noticias/coronavirus/kit-covid-reacoes-adversas-cloroquina-disparam-558-anvisa-ja-registra-nove-mortes-24956184.html>

QUEIMALIÑOS, Rebeca. “O homem que arruinou a extrema direita nos EUA: Com sua conta no Twitter, Sleeping Giants, Matt Rivitz deixou quase sem publicidade a mídia ultraconservadora americana. Seus métodos já chegaram à Europa”. **El País**, Icon, 17 de maio de 2020. Disponível (on-line) em: <https://brasil.elpais.com/icon/2020-05-17/o-homem-que-arruinou-a-extrema-direita-nos-eua.html>

SLEEPING GIANTS BRASIL, **Rede Social Instagram**. 2020. Disponível (on-line) em: [https://www.instagram.com/slpng\\_giants\\_pt/](https://www.instagram.com/slpng_giants_pt/)

WATANABE, Phillippe; PAMPLONA, Nicola. “Pacientes que usam hidroxicloroquina já não acham o remédio em farmácias: Anvisa diz que não há comprovação de eficácia para Covid-19 e contraindica o uso em pacientes infectados ou como prevenção”. **Folha de S. Paulo**, Saúde,

Coronavírus, 19 de março de 2020. Disponível (on-line) em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/pacientes-que-usam-hidroxicloroquina-ja-nao-acham-o-remedio-em-farmacias.shtml>

**ALINE CRISTINA GOMES DA COSTA** ([aline.cgc.arq@gmail.com](mailto:aline.cgc.arq@gmail.com)) é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PPGPLUR) da Universidade do Vale do Paraíba (Univap, São José dos Campos, Brasil). É mestra pelo mesmo programa e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Univap.

**BIANCA SIQUEIRA MARTINS DOMINGOS** ([biancasiqueira.m@gmail.com](mailto:biancasiqueira.m@gmail.com)) é doutoranda do PPGPLUR/Univap, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá (Unifei, Brasil), e tem graduação em Administração pelo Centro Universitário Teresa D'Ávila (Unifatea, Lorena, Brasil). É docente colaboradora do Mestrado Profissional em Design, Tecnologia e Inovação do Unifatea.

**CILENE GOMES** ([cilenegomes2011@gmail.com](mailto:cilenegomes2011@gmail.com)) é docente-pesquisadora do PPGPLUR/Univap. É doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH) da Universidade de São Paulo (USP, Brasil) e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela USP.

**PEDRO RIBEIRO MOREIRA NETO** ([pedroribeiromoreira@gmail.com](mailto:pedroribeiromoreira@gmail.com)) é docente-pesquisador do PPGPLUR/Univap. É doutor em *Géographie Humaine et Organisation de l'Espace* pela Université Paris I Panthéon-Sorbonne (França) e doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHS) da USP. Tem mestrado em *Analyse Régionale et Aménagement de l'Espace* pelo Institut d'Études du Développement de la Sorbonne (Iedes, França) e graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Braz Cubas (UBC, Mogi das Cruzes, Brasil).